

# A Festa do Arraiá do Descoberto: uma identidade cultural em transformação

*Max Lanio Martins Pina*

Da Universidade Estadual de Goiás – Porangatu, Brasil  
maxilanio@yahoo.com.br

*Gleiciene Ferreira Magalhães Borges*

Da Universidade Estadual de Goiás – Porangatu, Brasil  
gleice-pgtu@hotmail.com

*Maria da Piedade Sousa Lisboa Oliveira*

Da Universidade Estadual de Goiás – Porangatu, Brasil  
mariapgtu.123@gmail.com

---

**Resumo:** Este artigo apresenta um dos mais expressivos festejos juninos do Estado de Goiás, a Festa do Arraiá do Descoberto, uma tradição na cidade de Porangatu. Por todo o país as festas interioranas modificaram-se, perdendo elementos originais e agregando outros. Em Porangatu não ocorreu de forma diferente. Assim sendo, iremos abordar neste trabalho elementos da origem do festejo, as transformações ocorridas e as representações do mesmo na atualidade, de modo a entender o significado dessas mudanças por meio da visão dos que fizeram e dos que fazem parte da festa. O objetivo é demonstrar a memória dos pioneiros e atuais participantes, considerando suas opiniões a respeito das transformações ocorridas, uma vez que a festa surgiu da iniciativa comunitária e da devoção religiosa, porém hoje se encontra nas mãos da administração pública municipal. Para se obter os dados foi aplicado instrumental de cognição para extrair as narrativas dos pioneiros, moradores locais, participantes e comerciantes envolvidos com o evento. O estudo se faz importante por demonstrar à população porangatuense fatos de sua história cultural, a partir da memória dos pioneiros a respeito da origem do festejo, bem como por apontar as principais transformações e seus reflexos na atualidade. Os teóricos que contribuíram para essa investigação foram: Morigi (2005), Hall (2014), Gomes e Sousa (2012), Castro (2012) e Lima (1997).

**Palavras-chave:** Festa do Arraiá do Descoberto. Manifestação Cultural. Identidade Cultural.

---

## Introdução: festa do ciclo junino

As festas juninas realizadas atualmente em diversas localidades do Brasil tem sua origem na tradição Portuguesa, que dentre outras manifestações foram inseridas na sociedade por meio do processo colonizador. De acordo com o pesquisador Luiz da Câmara Cascudo (1969) citado por Castro (2012, p. 117):

[...] as festas juninas brasileiras formam recriações de outras festividades européias, mais especificamente portuguesas, tinham um caráter familiar e/ou eventualmente comunitário e eram envoltas de uma atmosfera ritualística permeada por aspectos religiosos e míticos. (CASTRO, 2012, p. 117).

A origem dos festejos juninos de acordo com Lima (1997, p. 01), estaria ligada às comemorações pagãs realizadas em Roma, em homenagem a deusa June. Nesse período, tais comemorações possuíam elementos como a água e o fogo, que atualmente se configuram nos festejos. Ainda segundo a autora acima:

No hemisfério Norte, o início do solstício de verão cai de 21 a 22 de junho, quando começam a festejar as colheitas, realizando festejos que visavam, também, afugentar os espíritos maus da esterilidade, pestes e secas. (LIMA, 1997, p. 01).

A transformação dos significados de tais festejos ocorreu segundo Lima (1997), com o triunfo do cristianismo sobre a velha mitologia pagã, em que na Europa, o povo pode continuar a realizar suas festas a cada chegada de um novo verão. As comemorações da mudança do círculo solar que marcam o início do período de farturas teriam sido segundo Lima “[...] transpostas para o calendário católico na devoção de Santo Antônio, São João e São Pedro [...], essa herança pagã, cristianizada, nos foi legada pelo colonizador português” (1997, p. 02). Assim trazidos pelo colonizador português, os festejos juninos atravessaram o tempo, e até os dias de hoje, persistem, contudo sob novas configurações originadas de elementos miscigenadores que os transformaram, de modo a provocar uma grande mudança no que se refere a essência de sua realização.

Segundo Castro (2012, p. 118):

Em torno dos festejos religiosos e populares de São João, que representa o clímax do ciclo junino, existe uma miríade de lendas, superstições, misticismo e simpatias, que se mesclam com práticas ligadas ao profano e ao mítico, em uma atmosfera sincrética em que os elementos da natureza são essenciais. Nesse contexto no qual o sagrado, o profano e o mítico se interpenetram e se mesclam, as festas juninas são reinventadas ludicamente nas casas, nas ruas, na dimensão comunitária, com grupos de amigos e em família. (CASTRO, 2012, p. 118).

Por agregar valores culturais diversificados, a festa junina tornou-se uma mistura cultural, por reunir e unir uma variedade de práticas sociais e elementos simbólicos tais como: míticos, rurais, urbanos, tradicionais, modernos, sagrados, profanos, em que as significações unem-se umas as outras. Nesse sentido é perceptível que as festas juninas agregam em torno de sua prática uma intensa mistura de elementos extremos, que envolvem características de crenças, devoção e diversão de cada região, em que por meio dessa configuração é possível visualizar a intensa metamorfose que o ciclo junino sofreu ao longo de sua realização. Para uma maior compreensão dos elementos provocadores dessa metamorfose, serão apontados e analisados alguns destes, com que se intenciona

demonstrar o movimento ocorrido através dessa manifestação da cultura popular, que apesar das referidas mudanças, continuam a integrar práticas de uma cultura diversificada.

Vários elementos componentes da Festa Junina adquiriram com o tempo mera finalidade decorativa e deixaram de representar simbolismos antes fortemente presentes em tais celebrações, como por exemplo, a fogueira, o casamento matuto, os quais possuíam grande ligação com elementos da devoção e fé aos santos católicos comemorados no período.

De início é preciso pontuar que além do caráter religioso cristão no qual se expressa a devoção aos santos católicos como Santo Antônio, São João e São Pedro, a Festa Junina também possui sua origem ligada ao meio rural, pelo fato de estar associado ao ciclo das colheitas agrícolas, especialmente à colheita do milho, do qual se origina boa parte das comidas típicas preparadas durante os festejos. Porém, apesar desta estreita ligação com o meio rural, os festejos juninos adentram os espaços urbanos, especialmente por causa da saída da população do campo para a cidade.

Inicialmente as celebrações do ciclo junino realizadas no espaço urbano ocorriam por meio da organização de pequenos eventos familiares ou comunitários que possuíam além do caráter devocional, também o da diversão. Atualmente, a maioria dos festejos juninos realizados pelo Brasil se concentra nos centros urbanos e nesse sentido, de acordo com Lima (1997, p. 03):

Apesar da natureza agrária a tradição junina permanece viva também nas cidades, onde se procura representar os ambientes rurais. Na representação da cultura da população rural, tem prevalecido o espírito caricatural. Criou-se uma poesia matuta, [...], danças matutas, festas matutas, também chamadas caipiras [...].

Nesse sentido, nota-se que os festejos juninos realizados atualmente, não mais se ligam estritamente ou unicamente ao caráter rural, familiar e sagrado, e sim ocorrem através da elaboração de meios que oportunizam a celebração do ciclo junino, em que se procura reproduzir naquele período temporal, elementos espaciais que irão compor o cenário rural. Seria dessa forma, estratégias desenvolvidas e ao mesmo tempo adaptadas para se manter a continuidade da prática de uma cultura popular, que se transforma ao longo do tempo.

A dança da quadrilha é um dos pontos altos da festa junina, que de acordo com Lima (1997, p. 03) “A quadrilha que se dança atualmente é um desdobramento, uma variante de uma dança europeia introduzida no século passado”. E desde a introdução das comemorações dos festejos juninos, as quadrilhas também se modificaram com o tempo, e

aos poucos foram deixando de ser uma simples dança com passos marcados, evoluindo para a maior atração das festas.

A quadrilha atualmente em muitos lugares, especialmente aqueles que a festa junina ocorre como um evento grandioso, como é o caso de Campina Grande e de Caruaru, são realizadas na maioria das vezes em forma de circuitos, que como no carnaval, ocorrem disputas e torneios para quem melhor apresentar suas coreografias.

A transformação do figurino também é visível, sendo mais expressiva em meio aos dançadores de quadrilha, que foram deixando o traje rústico caipira e aderindo a figurinos mais elaborados, especialmente pelo fato de se almejar a conquista do torneio das quadrilhas. Porém, existem mudanças das roupas dos participantes, que cada vez utilizam trajes de estilo country, afastando-se da ideia que passa a figura do trabalhador do campo e aproximando-se da imagem do fazendeiro.

Os ritmos são outro aspecto que se modificaram nos festejos juninos, especialmente quando foram introduzidos ritmos da música eletrônica, do forró universitário e ultimamente do arrocha, deixando pouco espaço para o velho e bom forró pé-de-serra.

Observa-se que além das significativas transformações apontadas acima, há o fato de se destinarem locais específicos para a realização dos festejos, em que, muitas vezes, são construídos cenários que remontam ao espaço sertanejo, mas que agregam elementos aquém dessa proposta. Nesse espaço ocorrem de maneira acentuada, práticas comerciais por meio das barracas de comidas típicas e comidas não típicas, e as de jogos e brincadeiras, também leilões, entre outras. Nesse espaço são produzidos meios que resultam a transformação dos festejos juninos com um espetáculo destinado às massas, com grande intenção mercadológica.

Apesar de a Festa Junina possuir em sua identidade, características da cultura local ou regional em que é realizada, ocorrem interferências significativas de elementos inter-regionais, que se manifestam através de ritmos, sons, figurinos, danças enfim, de características que são visivelmente assimiladas por diferentes regiões e grupos que celebram o ciclo junino. Assim, tais elementos componentes da festa junina são integrantes de uma forte tradição cultural e social, porém, nem sempre é fácil a identificação de suas raízes, já que se incorporam fortemente entre grupos diversificados.

Dessa forma, verifica-se que as festas juninas por meio da constante atualização pela qual tem passado se apresentam como uma mistura de vários elementos culturais de interesses diversos. E é dessa combinação de elementos atuais e originais que vai se

mantendo a realização desses festejos que existem no Brasil, desde a colonização portuguesa e se expande, trazendo alegria e festividade ao povo durante o ciclo junino.

### **Identities culturais em transformação**

Na atualidade, são perceptíveis múltiplas formas de produção e circulação das manifestações culturais, nesse sentido é preciso atentar para que essa diversidade cultural não venha provocar a exaltação de uma manifestação em detrimento de outras, isto é, cada uma possui sua particularidade que foi definida e organizada ao longo do tempo. Assim, uma determinada apresentação cultural deve ser entendida como algo variável, e que independentemente de como é expressa, precisa ser considerada ou até mesmo reverenciada.

Diante da flexibilidade percebida nas manifestações culturais, também é sentido um grande movimento relacionado à formação e transformação da identidade cultural na contemporaneidade, de modo que alguns traços que caracterizam um determinado grupo cultural estejam de alguma forma em processo de mudança e de adequação em relação aos elementos que surgirem e que foram incorporados ao longo do tempo.

Segundo Morigi (2005, p. 06) “A identidade cultural pode ser entendida como conjunto de características comuns, pelas quais os grupos sociais se definem como tais”. Mas, ainda segundo o autor, é preciso também pontuar que aquilo que caracteriza um grupo ou um povo, está intrinsecamente ligado a características que lhe são opostas. Sendo assim, a identidade e a diferença são faces da mesma moeda. Essa identidade é, portanto, transformada, reformulada e ressignificada pelos grupos sociais, através dos processos discursivos que são por elas incorporadas.

De acordo com Hall (2014):

A questão da “identidade” está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. (HALL, 2014, p. 09).

Nessa perspectiva, pode-se entender que o sujeito precisa estar atento a tal movimento que provoca essa mobilidade de aspectos que compõe sua identidade, em que “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; Composto não de uma única, mas de várias identidades [...]” (HALL, 2014, p. 11).

A realização desse processo de mobilidade e transformação torna o sujeito como não detentor de uma identidade fixa, essencial ou permanente. Desse modo, a identidade é articulada, formada e transformada de forma contínua em relação aos aspectos pelos quais os sujeitos são representados nos sistemas culturais que os rodeiam.

Ao analisar a questão da identidade relacionada ao caráter de mudanças na modernidade tardia<sup>1</sup>, Hall (2014) aponta diversos impactos causados sobre a noção de identidade cultural, em que tais sociedades não possuem centro ou princípio único, em torno do qual se organizam ou se desenvolvem as identidades. Assim, o processo de construção da identidade cultural regional, adquire mobilidade e se transforma por meio de sincretismo ou assimilação de elementos, que surgem de processos ocorridos em diversos setores, sendo estes culturais ou até mesmo sociais.

O processo de mudanças no campo da identidade cultural tem sido acelerado devido à fatores oriundos da globalização. Nas sociedades contemporâneas, tais mudanças ocorrem de forma constante, rápida e permanente. Segundo Hall (2014, p.12), “Essa é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as modernas”, em que:

A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. A modernidade em contraste, não é definida apenas como experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida, na qual as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas á luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter. (HALL, 2014, p. 13).

Embora precisem ser entendidas como um processo natural, o fato de acontecerem expressivas transformações nas práticas culturais que identificam um povo, provoca muitas vezes uma mutação no sentimento de pertença que os indivíduos possuíam antes das circunstâncias dessas transformações. Isso se dá devido ao sentimento de fragmentação ou ruptura de alguns aspectos tidos como originais ou necessárias à essa representação.

Ante a essa situação, algumas bases consideradas sólidas em relação a representação ou identidade, tornam-se “vulneráveis” a fatores externos provocando uma descontinuidade, fazendo com que alguns sujeitos vejam com estranhamento tais mudanças e de alguma forma, passem a não se reconhecerem integrantes de determinados grupos culturais.

---

<sup>1</sup> Também definido como pós-modernidade, é o período que abrange o final do século XX, no qual, Hall afirma ocorrer uma crise de identidade, devido a interferências do processo de globalização, no qual ocorre a junção de diversidades culturais, interferindo no processo de manifestações da cultura popular.

Muito desse sentimento de não pertença por parte de alguns indivíduos, engloba além de elementos produzidos pela assimilação cultural, aspectos produzidos de maneira intencional, por entidades que enxergam em tais manifestações culturais, um canal de acesso que visa apenas o lucro, não se preocupando muito em enaltecer traços essenciais que compõe e representa a identidade de um grupo. Esse processo muitas vezes, leva a uma espécie de migração de indivíduos entre diferentes grupos, em que se sintam de alguma forma representados.

Nesse sentido, conforme Hall (2014):

[...] a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas [...]; a moldagem e a remoldagem de relações espaço tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. (p. 40-41).

Desse modo, quanto mais à vida social sofre mediação ou influência de aspectos globalizantes, como a grande circulação de estilos e imagens através de recursos midiáticos, mais as identidades vão se tornando desvinculadas do tempo e do espaço em que se originaram, criando e recriando novos significados e sentimentos dos indivíduos em relação a sua origem.

Assim, parece que a globalização age de forma pluralizante sobre as identidades, criando possibilidades de diversificação na posição de identificação de um grupo. O fato é que mesmo diante desse processo, muitos indivíduos se sentem afetados por um sentimento de perda, em que muitas vezes prefere negar totalmente qualquer laço que o ligue a um grupo ou evento.

Em relação a esse assunto, Hall (2014) pontua que:

Algumas pessoas argumentam que “hibridismo” e o sincretismo [...], são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura [...]; Outras entretanto, argumentam que hibridismo, com a indeterminação, a “dupla consciência” e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos. (HALL, 2014 p. 53).

De modo a estar relacionada às transformações rápidas e amplas, que ocorrem na sociedade, em razão da demanda de elementos globalizantes, a questão identitária, manifestada através de práticas culturais, acaba por se curvar aos interesses de determinados grupos sociais, que visam em primeiro plano, o lucro advindo do comércio, a partir de elementos culturais de um povo, grupo ou manifestação cultural.

Assim, de acordo com Morigi (2005, p. 08) quanto mais a vida social é mediada pelo mercado global de gastos, pelos estilos, pelas imagens da mídia, entre outros aspectos, mais as identidades tornam-se liberadas, desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições.

Após o apontamento a respeito da mobilidade cultural existente nas manifestações e práticas culturais provocadas pela interação de costumes e tradições entre grupos, como também os resultados e significações dessa mobilidade cultural, passar-se-á, a discutir e apontar tais aspectos inseridos na Festa do Arraiá do Descoberto, que desde sua origem, no final da década de 1970, até a atualidade, tem sofrido transformações e produzindo diversas significações e sentimentos por parte daqueles que fizeram e/ou fazem parte de sua realização.

### **Pressupostos metodológicos da investigação**

A História Cultural surge a partir da Escola dos Annales, trazendo inovações no modo de se produzir a escrita historiográfica e a partir do desenvolvimento de várias teorias e metodologias, buscava abranger a totalidade. Nessa perspectiva, a História Cultural viabilizou os estudos da cultura, do cotidiano, da mentalidade, do comportamento, de agentes individuais, mas também de grupos, possibilitando a inserção e a percepção desses indivíduos como componentes e construtores da História a partir da consideração de seus saberes e fazeres.

Guiado por esse viés, essa investigação tem como objetivo de estudo a Festa do Arraiá do Descoberto que acontecem todos os anos cidade de Porangatu, Goiás, e que é caracterizada como uma manifestação cultural brasileira, pertencente ao ciclo dos festejos juninos.

A pesquisa descreve traços da origem da festa, suas transformações e ainda apresenta a visão de grupos fizeram e ou fazem parte do festejo. O instrumental para coleta dos dados consistiu de um questionário que foi direcionado a quatro categorias de pessoas que estão direta ou indiretamente envolvidos com essa manifestação cultural. A aplicação do mesmo foi efetivada com moradores, comerciantes, promotores e participantes da festa, os quais autorizaram a publicação de suas falas por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nesse sentido, foram realizadas vinte entrevistas, que foram direcionadas a quatro grupos diferentes os quais estão agrupados, classificados e categorizados da seguinte forma:



- Grupo A - Pioneiros: formado de pessoas que fizeram parte das origens da Festa do Arraiá do Descoberto, antes mesmo dele assim ser denominado.
- Grupo B - Moradores: formado de pessoas que moram nas proximidades do local onde é realizada a festa.
- Grupo C - Dançadores: formado pelos participantes veteranos e novatos da dança da quadrilha.
- Grupo D - Barraqueiros: formado por comerciantes que atuam na venda de seus produtos no local da festa.

Para a escolha dessas categorias, levou-se em consideração a necessidade de se buscar maior entendimento da história da Festa do Arraiá do Descoberto, a partir de visões e compreensões diversificadas de todos os seus envolvidos, no intuito de perceber os efeitos sentidos por esses agentes nas etapas pelas quais o festejo tem passado e as possíveis transformações ao longo do tempo.

### **As origens da Festa do Arraiá do Descoberto**

A Festa do Arraiá do Descoberto antes mesmo de assim ser chamada, surgiu no decorrer da década de 1970, por iniciativa do Sr. Pedro Martins da Cunha<sup>2</sup>, conhecido como fundador da festividade. O mesmo teria aprendido uma dança de “quadrilha” quando garoto com seus avós, em que a mesma era dançada de improviso em casamentos ou aniversários, e quando idoso teve a ideia de ensiná-la as crianças de seu bairro como forma de perpetuar uma manifestação cultural.

De acordo com Gomes e Sousa (2012)

O objetivo inicial de Tio Pedro, como era conhecido por todos, era transpor uma forma de dança desconhecida – a quadrilha – de uma maneira que só ele sabia. Com isso, despertou em seus familiares e vizinhos a vontade de pôr em prática essa dança desconhecida pelos moradores. (GOMES e SOUSA, 2012, p. 30).

Inicialmente, a ideia do Sr. Pedro Martins da Cunha era ensinar a marcação dos passos da quadrilha às crianças uma vez que via nessas, a continuidade de uma dança que aprendera ainda jovem. Com os pares formados, passaram a ensaiar a quadrilha em sua própria residência, e contava com o auxílio de alguns familiares na realização dos mesmos.

---

<sup>2</sup> O Sr. Pedro Martins da Cunha, conhecido ora como vô Pedro, ora com tio Pedro, foi um morador do antigo Descoberto da Piedade, hoje denominado Porangatu. Sua relação com a origem da festa está na iniciativa que teve de ensinar às crianças uma dança de quadrilha com passos desconhecidos da população local, o que posteriormente evoluiu para um festejo comunitário.

Apesar de ser algo espontâneo, tudo era feito com seriedade e dedicação e mesmo com simplicidade e buscavam o melhor resultado possível.

Segundo o entrevistado A1:

Era só alegria, desde os ensaios na casa do vô Pedro Martins. No dia da festa uma animação total. Todos viviam o momento com muita alegria, responsabilidade e entusiasmo. Tudo muito lindo! Precisava ver pra crer!

No dia da apresentação da quadrilha, moradores, familiares e amigos, reuniam-se no largo da Igreja Matriz (Matriz Velha), no setor Nossa Sra. da Piedade. O momento era repleto de significações, que iam da expressividade religiosa ao lazer, em que encontravam uma oportunidade de estreitar relações, mas também manter a continuidade de uma manifestação cultural e tradicional que se renovava a cada ano.

De acordo com Gomes e Sousa (2012).

A quadrilha que o senhor Pedro Martins da Cunha aprendeu e participou enquanto criança ficou marcante em sua memória e ele viu a necessidade de ensiná-la para seus familiares e vizinhos [...]. A festa seguia alguns traços da tradição religiosa [...]. [...] Os moradores rezavam o terço, faziam novenas e no final concretizavam com uma festa onde acendiam uma fogueira enorme, para fazerem os batizados, apresentavam a quadrilha de criança, com os passos que o Senhor Pedro Martins da Cunha ensinava. (GOMES e SOUSA, 2012, p. 31).

Após o momento de expressão religiosa, no qual se rezava o terço em louvor aos santos juninos, seguia a confraternização entre os participantes, que dançavam, brincavam, comiam e se divertiam a valer.

Segundo o entrevistado A2 “[...] a lembrança é que era realizada no largo da Velha Matriz e que ainda tinha o pau-de-sebo, casamento caipira e muita gente animada”.

Nota-se que a intenção desse encontro entre familiares e amigos, além da devoção religiosa, era promover um momento de festividade e alegria, no qual o que interessava de fato era a oportunidade de se alegrarem juntos em um momento de confraternização. E aos poucos através desses encontros, foram desenvolvendo traços que assumiam a identificação desse grupo.

De acordo com Pesavento (2008, p.89):

Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade [...].

Assim, na fase em que se iniciou a festa, a cada ano a comunidade local se organizava e esperava com ansiedade o grande dia, pois devido não haver fins lucrativos em sua realização, todos estavam imbuídos de alguma tarefa, como a confecção dos trajes e adereços, na ornamentação do espaço, na produção dos alimentos e bebidas, na construção da fogueira, enfim era um momento proporcionado a partir de uma ação conjunta e destinada a toda comunidade local.

Devido a todo esse envolvimento da comunidade na realização e participação no festejo, o grande dia era aguardado com expectativa pelos moradores, que viviam a cada realização dos ensaios das crianças um momento de descontração. No grande dia toda comunidade local estaria reunida para celebrar sua fé e também festejar o mês de junho.

Desse modo, na fase inicial da festa, a intenção era promover um momento de diversão e religiosidade. Cabe ressaltar que nesse período, o evento não possuía fins lucrativos, toda organização do espaço e comidas típicas eram produzidas de forma voluntária e espontânea pelos moradores do local que participavam do festejo. Assim, ocorria uma forma de manifestação repleta de elementos representativos e de significados da identidade local dessa comunidade, que de alguma forma priorizou enquanto pode seu coletivismo em torno dessa expressão cultural.

### **Transformações da Festa do Arraiá do Descoberto**

Uma das primeiras e importantes transformações ocorridas na Festa do Arraiá do Descoberto se deu a partir da parceria entre o Sr. Pedro Martins da Cunha e a assistente Social, Fariza Nahas<sup>3</sup>, por volta do final da década de 1970. A assistente social nesse período estava à frente da LBA (Legião Brasileira de Assistência) do município de Porangatu, onde eram desenvolvidos trabalhos artesanais com grupo de terceira idade do Setor Nossa Sra. da Piedade. Surgiu a ideia de formar um grupo de idosos para dançar a quadrilha que até então era composto só por crianças.

A intenção era fazer uma festa maior em que teria mais atrações e a partir de então passaria a cobrar pela entrada das pessoas no espaço que seria organizado para o acontecimento dessa manifestação cultural. A partir do final da década de 1970, a antiga reunião entre amigos, ganha novos elementos, como barracas, quermesses, leilões de prendas e apresentação de quadrilha de crianças e idosos. Nesse período o festejo ainda ocorria no largo da Matriz, porém começava a adquirir novo aspecto que pelo motivo de

---

<sup>3</sup> Ela ocupava o cargo de Assistente Social do município de Porangatu.

ter maiores proporções, inicia-se também a parceria entre entidades filantrópicas e o grupo que realizava o evento naquela época.

Surge nesse contexto o interesse financeiro a partir da realização de um evento com maior repercussão, que pouco tempo depois resultou na interferência direta do poder público municipal.

Nesse sentido Gomes e Sousa (2009) pontuam que:

Após se agregarem na vida da comunidade de moradores do Descoberto da Piedade, a prefeitura passou a interferir e organizar a festa da quadrilha seguindo seus padrões, os quais deveriam gerar lucros, deixando os moradores juntamente com sua cultura de lado, esquecido e desvalorizados. Essa divergência entre as classes sociais fez surgir a exclusão da cultura, pois aquilo que não interessava aos que estavam no poder foi lançado ao esquecimento. (GOMES e SOUSA, 2009, p. 32).

Com a intervenção do poder do poder público na realização da festa, surge uma “recriação” da quadrilha que possuía elementos originais ensinados pelo senhor Pedro Martins da Cunha, que naquele período promovia o lazer e diversão para os moradores locais. As mudanças que foram acontecendo desencadearam descontentamentos por parte da comunidade local, pois modificavam em grandes proporções as formas dessa manifestação o que feria e ocasionava um sentimento de não pertencimento, pois a nova forma de representatividade do evento não se identificava mais com o grupo pioneiro.

A respeito desse sentimento, Pesavento afirma que:

As representações construídas sobre o mundo [...] fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e praticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, [...]. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2008 p. 39).

Que no caso da referida festa ocorre uma grande perda de identidade por parte de seus integrantes, em que as intensas transformações lhes causaram estranhamento a partir da intervenção de alguns fatores, que mudaram essa visão de representatividade. E nesse sentido os entrevistados A1, A4, A5 e C1 relatam a respeito dessas transformações:

Ficou apenas a quadrilha e algumas comidas típicas. Virou um verdadeiro comércio para entidades filantrópicas e depois para a Prefeitura. (A1).

Eu penso que se formou um tipo de ambição, exploração, visa mais o lucro e não mais no momento de diversão e alegria. (A4).

Foi o poder público, a Prefeitura que interferiu demais, mais algumas administração valorizava a festa, especialmente a participação do idoso. Outras administração não valorizavam tanto fazendo muitos pioneiros desistirem de dançar. (A5).

Antigamente era melhor tinha mais gente. Falta investimento não tem nada de bom, era mais animada. (C1).

A partir da intervenção do poder público na Festa do Arraiá do Descoberto, a mesma continuou a ser realizado no largo da Igreja Matriz. Entretanto, já na década de 1980, ela ganharia um espaço específico para sua concretização, a qual passou a acontecer na Praça do Poço do Milagre. A mudança do espaço ocorreu na gestão do Prefeito Jarbas Macedo da Cunha, em parceria com a então assistente social daquela época a Sra. Fariza Nahas. Uma parcela do grupo pesquisado afirmou que a mudança do espaço foi uma das principais transformações ocorridas na festa.

Segundo os entrevistados A1, A2, A5 e C2:

A mudança de local para um espaço maior e dentro do centro do patrimônio histórico foi boa, mais tirou muito do que era, e o local só é valorizado no tempo da festa. (A1).

Mudança de local. Primeiro foi para o espaço do parque agropecuário e depois foi construído a atual praça para a realização da festa. A praça foi construída pelo Prefeito Jarbas Macedo Cunha. (A2).

Ter um local pra festa foi bom, ficou definitivo no descoberto [...] passa a festa a prefeitura esquece o que fez e o que tinha que fazer, a comunidade fica esquecida [...]. (A5).

Acho que é importante, o melhor lugar é aqui mesmo pois é o lugar feito pra festa. (C2).

Ao ganhar esse espaço específico para sua realização a Festa do Arraiá do Descoberto, se expandiu para toda população de Porangatu e cidades circunvizinhas. A partir de então, o evento passou a ser realizado por instituições filantrópicas em parceria com a Prefeitura, e atualmente está sob a responsabilidade da SEMAS (Secretaria Municipal de Assistência Social). E nos últimos anos tem-se adotado a portaria beneficente, em que parte da renda é destinada a doação de cestas básicas para famílias carentes do Município.

As modificações ocorridas na festa ao longo do tempo foram percebidas e sentidas pelos que dela participam ou participaram de forma direta ou indireta. Em relação a esse ponto, Gomes e Sousa (2009) pontuam:

Levando em consideração o poder de uma tradição, sendo que essa marca a vida e o consciente de todas as pessoas, podendo lhe trazer transtornos de vários níveis, sem falar que o homem necessita de tradição, pois seu alicerce está contido em seus costumes, tradição e cultura [...]. Quando o poder público passou a gerenciar a festa, foram modificando as tradições populares e os moradores se sentiram excluídos [...]. (GOMES e SOUSA, 2012, p.34).

Ao serem questionados a respeito da tradição do festejo, na visão dos entrevistados A1, A4, B2 e C3 ocorrem variações de percepções:

Em parte. Devido a grande descaracterização em sua forma atual. (A1).

Não. Já foi. (A4).

Sim. Não pode acabar tem que melhorar. Ainda estamos lá fazendo a festa. O próximo ano vai ser melhor, é assim que penso. Temos que levantar a festa. O Arraiá é nosso! (A5).

É uma tradição. Considero tradição pois acontece a muito tempo, o pessoal vinha até de cavalo para participar, apesar das mudanças no local e figurinos, ainda assim é uma tradição. (B2).

Sim, é uma tradição principalmente aqui pra nós que é a única diversão que tem aqui pra nós, pois quando passa acaba. (C3).

São diferentes visões em relação à festa como uma tradição, porém o que se percebe é a vontade de fazer o evento readquirir antigos e novos traços, que na percepção da maioria dos entrevistados a perda destes significou o afastamento e desinteresse da maioria de seus antigos participantes.

As variações ocorridas na festa parecem ter desenvolvido em parte da população local um sentimento de afastamento e até mesmo não pertencimento a uma festividade que por anos os identificava. A visão mercadológica e a influência da mídia empregada em alguns períodos recentemente na realização do evento acentuaram cada vez mais uma descaracterização do festejo junino em si.

De acordo com Morigi (2012):

Diante desse quadro, passam a vigorar os valores impostos pelo modelo da sociedade de consumo. Tais valores envolvem mudanças de comportamento e de relacionamento. Nessa medida, as festas, enquanto espaços de sociabilidade, ancorada nas relações familiares, afetivas [...], caracterizadas pelo reconhecimento interpessoal e auto reconhecimento, cedem lugar à sociabilidade individualizada, relações frias, efêmeras e estranhadas da contemporaneidade. (MORIGI, 2012, p. 188).

Na Festa do Arraiá do Descoberto não tem ocorrido o equilíbrio entre elementos originais e atuais necessário à continuidade da representação dos indivíduos através do festejo, ocorrendo um afastamento, pois os moradores do bairro Nossa Sra. da Piedade não se reconhecem mais como integrantes dessa manifestação. Diante do impacto provocado por mudanças significativas no festejo, ocorreu o desinteresse de moradores e alguns pioneiros na participação dos festejos, desencadeando uma espécie de lacuna no tempo e no espaço em relação ao que foi e o que é hoje essa festividade.

Morigi (2005) pontua que as significações do festejo junino são construídas em torno de elementos heterogêneos, que envolvem traços da tradição e do projeto modernizante da indústria cultural, assim, as significações no presente, mesclam-se com pedaços de histórias do passado, provocando diversos universos em torno de uma festividade regional.

Dessa forma, é perceptível na Festa do Arraiá do Descoberto, que a memória dos sujeitos envolvidos é permeada por tensões, afetos e representações expressos a partir da visão que possuem do festejo. Através da memória que o coletivo possui da festa, percebe-se que ocorre a manifestação de certo saudosismo, especialmente por parte dos pioneiros e moradores da região onde se iniciou a festividade, os quais percebem e consideram os efeitos das transformações ocorridas nos últimos anos.

### **Configuração da Festa do Arraiá do Descoberto na atualidade**

A Festa do Arraiá do Descoberto tem suas origens associadas à religiosidade, bem como à promoção de um momento de confraternização e alegria entre os moradores locais. Com o tempo, a festa familiar e comunitária tornou-se comercial, um espetáculo para as massas, adquirindo características políticas e econômicas. No entanto, somente constatar e apontar que essa festa perdeu importantes características e laços identitários com a comunidade local, passando a servir a interesses mercadológicos, não é suficiente. É preciso transpor essa constatação e procurar respostas a respeito de como esse processo é percebido pelos agentes sociais que participam e participaram da festa e como eles recebem, no plano das significações, as transformações ocorridas na festa.

No caso específico da Festa do Arraiá do Descoberto, essas alterações transcorreram rapidamente, excluindo costumes importantes na visão de seus participantes e inserindo outros. De modo que esses participantes desenvolveram uma espécie de afastamento da festa em relação à mesma, uma vez que passaram a se sentir alheios a nova forma que o festejo adquiriu, e por isso foram se posicionando cada vez mais do lado de fora da festa.

Essas transformações provocaram certo afastamento de parte dos pioneiros e moradores locais, em relação à organização e participação da festa, e isto pode ter ocorrido devido ao sentimento de não pertencimento dos mesmos, como também pela falta de abertura por parte dos atuais organizadores do evento. Embora seja uma festa que expresse alguns elementos da cultura local e regional, não ocorre de forma concreta o sentimento de representatividade da população por meio de sua realização.

Nesse sentido ao serem questionados a respeito da inserção ou participação da população local da festa e possíveis benefícios à comunidade por meio da realização da mesma, os entrevistados A1, A2, A3, A4, A5, C4 e C5 relatam:

Somente as crianças participam das quadrilhas. A população pouco vai a festa, alguns comercializam do lado de fora do espaço [...] acaba a festa, acaba a atenção, o movimento local. Poucos vão a festa não acham que a festa é feita para a população [...] o povo em geral não conhece o fundo cultural que a festa tem ... (A1).

Sim. Participam das quadrilhas e dos ensaios como publico colocando barracas na parte externa com estacionamento... (A2).

Nenhum benefício [...] fica para os leilões que hoje existem muitos acaba com a festa. (A3).

Alguns, nem todos pois devido as transformações o povo deixou de ter vontade de ir [...] agora só exploração, não ocorre participação significativa não. (A4).

Participa. Mas tem gente que mora no setor e não conhece a festa porque não vai. Mas uns vão, outros vendem alguma coisa la fora aluga quintal para estacionar carro. Mas a festa devia ser pra todos de bom coração [...], fica movimentado no dia da festa mas depois [...] outros que iam já não vão mais fica chateado né? [...] a festa está lá á tanto tempo que eu acho que deve seguir... (A5).

Representa, mais só vem cá de Maio até o período da festa, passou só no ano seguinte [...] quase todos participam da festa de alguma forma lá dentro ou fora ficam olhando. Só mesmo a festa é que é importante. Agora quem tem sua porta vende nelas pois lá dentro cobra taxa. (C4).

Muitos participam outros montam barracas pelo lado de fora de suas casas. Somente os que fazem a festa que ganham nós mesmo não ganhamos nada. (C5).

A partir das falas acima, é perceptível que o impacto provocado pelas mudanças foi amplo na parte externa, bem como nas proximidades do local, uma vez que a maioria dos entrevistados ressalta, a não participação na festa ou a participação de alguma forma, como se fosse algo que restou, e afirmassem que ficaram do lado de fora. Mas ao mesmo tempo é notável também que ainda há expressão de um desejo que o festejo continue a existir, devendo a ver nesse caso um equilíbrio entre o passado e a atualidade inserindo a todos na realização do mesmo.

De acordo com Morigi (2005):

A festa junina congrega valores em forma de um sincretismo cultural de diferentes procedências e contextos. Hoje, nos moldes comerciais, a festa é uma espécie de vale-tudo, pois incorporou em seu ritual uma pluralidade de ações, fragmentos de praticas sociais e componentes de diversos universos simbólicos, míticos, rurais, urbanos, tradicionais, modernos, sagrados, profanos, cujas significações entrelaçam-se [...]. (MORIGI, 2005, p. 03).



Ocorre que na ótica do mercado, o que importa de fato é o lucro, fazendo com que muitas vezes ocorra uma transgressão das práticas culturais significativas de um povo, transfigurando um evento do cotidiano em algo alienígena aos que dele um dia fizeram ou fazem parte.

A mistura de diversos elementos é visível através dos personagens que participam da encenação do festejo, mas também no público que o prestigia. A começar pelos figurinos dos dançadores que atualmente não remetem a imagem total do sertanejo, mas agregam acessórios que aludem ao mundo *country*. Os participantes da festa também utilizam largamente esses trajes, ocultando cada vez mais a imagem do sertanejo simples, ao estarem caracterizados de modo a evocar a tradição agropecuária do Estado de Goiás.

O local da festa atualmente é organizado de modo a favorecer a circulação dos participantes entre as barracas, que são dispostas de forma circular, facilitando a locomoção e a visão em relação ao espaço. Para a ornamentação do local são produzidas bandeirolas, balões e outros enfeites relacionados ao tema junino, e também uma fogueira artificial, pois a tradicional fogueira que anteriormente era utilizada para realização de batizados já não existe mais. A festa atualmente não faz alusão à questão religiosa, os Santos Juninos raramente são citados ou reverenciados, configurando assim, o afastamento de elementos religiosos de sua origem.

Outro ponto a ser ressaltado, está relacionado à música e a dança, que se tornou uma mistura de ritmos, deixando de prevalecer o velho forró pé de serra. Ocorre uma mistura entre o forró universitário, e ritmos mais atuais como o arrocha e o sertanejo universitário. A dança da quadrilha também deixou de ser algo tradicional, tornando-se estilizada para chamar mais a atenção do público.

A variedade de comidas também chama a atenção, o que não as caracterizam mais como típicas da época junina, o que se torna abrangente na satisfação de todos os gostos. Esse fato traz lucratividade às barracas que estão sempre inovando no cardápio e investem bastante nesse intuito. Os leilões de prendas representam uma alternativa para aumento dos lucros com a festa. Os mesmos ocorrem em grande quantidade e muitas vezes acabam interferindo na intenção de festejar dos participantes, pois nem todos possuem poder aquisitivo para arremate dos mesmos.

Em relação a essas mudanças, o grupo de dançadores da terceira idade se sente meio desludado, pois muitas vezes não conseguem acompanhar o ritmo do festejo, o que fica claro na fala dos entrevistados A3, A5 e C4.

Ocorreu muitas transformações, principalmente dos marcadores os leilões que agora são muitos e a quadrilha que começa muito tarde, e quando o forró começa já é lá pras duas horas da manhã, para o idoso é complicado. (A3).

[...] o que querem é vender, a alegria é pra depois. Pois o tal do leilão acaba com a festa, a hora da gente dançar um forrozinho tá o povo gritando leilão e quando sai a musica são muito esquisita nem da vontade de ir pra pista. (A5).

Uai, mesmo tendo as quadrilhas novas com outros ritmos era preciso manter a nossa quadrilha tradicional para que todos ficassem felizes em participar. (C4).

Ocorre intensamente a saudação por parte dos animadores da festa, a pessoas ilustres, como médicos, empresários, fazendeiros e políticos. Entretanto o mesmo não acontece em relação aos moradores locais, ou as pessoas simples que se desloca de várias partes da cidade para participar do festejo.

Em relação à diversidade de elementos na configuração da festa junina, Morigi (2005) afirma que quanto mais o festejo consegue integrar elementos do passado e do presente, sem fugir de sua forma identitária, mais poderá ser considerada autêntica, pois consegue representar os valores e sentimento de pertença do grupo. Porém, por se desvincular largamente de elementos de sua origem, a Festa do Arraiá do Descoberto é vista por muitos como algo distante dessa representação.

### **Reflexos das transformações culturais da Festa do Arraiá do Descoberto**

As transformações ocorridas na estrutura da Festa do Arraiá do Descoberto ao longo do tempo foram notadas pela a maioria dos entrevistados, especialmente os pioneiros e moradores do setor no qual a festa é realizada. É perceptível nos relatos de alguns entrevistados, sentimentos de saudosismo, de mágoa e de esquecimento, por não reconhecerem-lhes, como agentes iniciadores do festejo, situação explicitamente expressa nos relatos dos entrevistados A1 e A5:

Não fazem nenhum comentário aos verdadeiros fundadores, só politicagem do momento [...]. A comunidade só é lembrada poucos dias antes da festa. Não tem nenhum projeto de continuidade com os moradores [...]. (A1).

É somente no período da festa [...] passou a festa nem fazem a limpeza do setor ficamos esquecidos [...]. (C5).

Ocorre que as intensas transformações acabam de certo modo ameaçando o prosseguimento de uma tradição, uma vez que desencadeiam valores apostos aos da comunidade. Mais apesar da insatisfação apresentada nos relatos a maioria dos entrevistados não expressa uma rejeição total à festa, nota-se nesse sentido, um desejo de vê-la novamente se aproximar daquilo que foi um dia.

As principais queixas dos entrevistados estão ligadas à ausência de elementos que façam alusão às raízes da festa, ou seja, da forma como ela ocorre hoje, é como se a mesma fosse algo que surgiu do nada.

De acordo com Pesavento:

Como integrantes do imaginário social, as representações identitárias são matrizes de práticas sociais, guiando as ações e pautando as apreciações de valor. Elas se traduzem, pois, não apenas em performance de atores, mas em discursos e imagens, cumprindo alguns a função de verdadeiros ícones de sentido... (PESAVENTO, 2008 p. 91).

Porém, apesar das reclamações, os entrevistados não expressam a intenção de verem a extinção do festejo, isso pode ser observado nas falas de A5, C2 e B4:

Embora tenha mudado muito [...], as duas noites de festa foi boa, esperamos os anos que vem cada vez melhores. (A5).

É importante, tem que ter se não fica sem graça. Fica ruim chegar o dia e não ter a festa [...], mesmo mudando tem que continuar acontecendo, muda pra nós que já participava, mas tem as crianças que precisa participar [...]. (C2).

É boa, já foi melhor. Mas ainda pode ser de novo uma grande alegria para Porangatu. (B4).

É compreensível que alguns elementos componentes da festa junina, com o tempo tenham adquirido mera finalidade decorativa, porém ocorre que na Festa do Arraiá do Descoberto, muitos desses elementos foram descartados, como se anunciasse certo aspecto de decadência. Nesse sentido, os entrevistados C4 e A5 relembram que:

Antes tinha festa, hoje tem muito leilão, eram quatro dias de festa e hoje só dois, não tem mais fogueira, os enfeites foram poucos, as barracas viraram tendas. (C4).

A passeata quase que acaba, fogueira grande não teve [...] poucos balão, pouca barraca, pouca gente. É triste tudo acabando. (A5).

O que preocupa alguns participantes é que mesmo diante da perda de público notada nas últimas edições, os que administram a festa continuam virando as costas para a infraestrutura do local, pois é visível a omissão em realizar melhorias no espaço destinado para a mesma. As queixas relacionadas a falta de investimento pelo poder público, só demonstra que na atual conjuntura o mesmo não tem se empenhado o suficiente para tornar o evento um atrativo à população local, situação esta que começaria pela valorização Sítio Histórico da cidade.

Portanto, a Festa do Arraiá do Descoberto é mais uma manifestação cultural popular que se descaracteriza a cada edição. Se na lógica do mercado o popular é aquilo que agrada às multidões e não o que é criado pelo povo, essa intenção na visão dos entrevistados parece não se confirmar no festejo, tendo em vista que nas últimas edições não foi possível a agregação dos antigos e dos novos valores culturais que perpassam a história do evento.

Nesse sentido, alguns entrevistados expressaram opiniões que em sua visão poderiam colaborar para um ressurgimento ou ressignificação da festividade:

Acho que uma boa administração levanta a festa dando mais atenção pro povo que é a vida da festa. (C2).

Organizar melhor o espaço, a festa, voltar a melhorar a festa para a população voltar a participar. (C3).

Muita coisa. Falta carro para buscar os idosos que mora longe para os ensaios [...]. (B4).

As barracas deveriam ser mais próximas umas das outras, a questão da água que não têm e a energia também deve ser melhorada. (D1).

Diante dos relatos colhidos nas entrevistas, percebe-se muita insatisfação e também o desejo de reconfigurar a festa. Assim, nota-se que apesar dos modismos agregados ao evento ao longo do tempo, o mesmo não deve ocorrer no trato com as manifestações culturais de um povo, que a cada edição se vê descartado e assistem realização de um festejo que partiu de sua iniciativa. Como já foi afirmado, pouco se faz em relação à busca de um equilíbrio satisfatório, tanto em relação às intenções de comércio e lucro quanto à tradição.

Enfim, a partir dos relatos, percebe-se que algumas mudanças muitas vezes são necessárias, porém as releituras e ou adaptações não devem significar ou produzir uma transgressão nos traços identitários de um povo. Seria preciso uma adequação para que seja atual, mas sem excluir grupos sociais envolvidos, especialmente os que visam o reconhecimento de sua identidade, respeitando sua cultura e valorizando a memória.

### **Considerações Finais**

Como manifestações culturais, as festas podem de alguma maneira contribuir para a afirmação da identidade cultural de grupos locais ou regionais, mas para tanto, é necessário atentar para que as mesmas não percam sua autenticidade. No caso específico da Festa do Arraiá do Descoberto, ocorre que, apesar de ser uma prática cultural exercida

já alguns anos e originada da iniciativa de moradores locais, algumas transformações refletiram nos pioneiros e moradores locais reações e sentimentos, entre as quais podemos destacar o saudosismo de seus primeiros tempos, o esquecimento da população local na configuração atual da festa e um conseqüente afastamento dessa população em relação ao evento.

As principais modificações partiram da ação de interferência do poder público, que a partir da década de 1980, atribuiu à festa o caráter lucrativo, desfazendo a intenção original dos moradores que era somente devoção religiosa e diversão entre amigos, a qual foi se transformando cada vez mais em um evento ligado ao comércio.

Diante das transformações que aconteceram na festividade ocasionando rupturas de valores tradicionais e a inserção de novos, houve uma transgressão de elementos simbólicos e representativos da comunidade, uma vez que a atuação do poder público gerou além de um evento com maiores proporções, modificou as principais características do mesmo.

Ressaltamos ainda a existência da falta de equilíbrio entre elementos originais e atuais. Pois quando ocorre esse equilíbrio, é possível conciliar o êxito dos resultados voltados à lucratividade e a satisfação daqueles que um dia fizeram ou dos que ainda fazem parte do festejo.

Nas últimas edições da Festa do Arraiá do Descoberto têm-se notado uma queda no número de participantes, isso permite a reflexão sobre alguns efeitos produzidos pelas intensas interferências ocorridas na festa. Primeiro que há um afastamento da população local em relação a ela, devido à perda de identidade produzida pela exclusão de vários elementos originais. Segundo, percebe-se nos relatos dos participantes que os organizadores da festa não têm investido em infraestrutura, o que também gera transtornos a medida que as pessoas não são acomodadas como gostariam.

Todavia, parece que a Festa do Arraiá do Descoberto mesmo tendo sido despreendida de suas origens em busca de maiores projeções, tem perdido nas últimas edições a grandiosidade que tivera em seus primeiros anos. E apesar de ter se tornado uma festa distante de sua origem, o fato de a mesma estar em constante transformação, incomoda moradores e participantes que não a rejeitam totalmente, mas reclamam da configuração que o evento adquiriu no presente. Estes esboçam o desejo de que a antiga Festa do Arraiá do Descoberto volte a ter a mesma importância regional que possuía no passado, mesmo que para isso seja necessário o retorno dos elementos culturais originais.

Os relatos demonstram que apesar dos efeitos produzidos pelo processo de transformação, a Festa do Arraiá do Descoberto não pode desaparecer. Neste sentido, essa

manifestação cultural precisa receber a atenção e os investimentos necessários para sua melhoria, pois a mesma deve ser pensada e realizada como uma festa popular.

---

### The Feast of Arraiá do Descoberto: A Changing Cultural Identity

**Abstract:** This article presents one of the most expressive Juninho festivities of the State of Goiás, the Feast of Arraiá do Descoberto, a tradition in the city of Porangatu. Throughout the country the interior parties changed, losing original elements and adding others. In Porangatu it did not occur differently. Thus, we will address in this work elements of the origin of the celebration, the transformations that occurred and the representations of the present day, in order to understand the meaning of these changes through the vision of those who did and those who are part of the party. The aim is to demonstrate the memory of the pioneers and current participants, considering their opinions regarding the transformations that took place, since the party emerged from community initiative and religious devotion, but today it is in the hands of the municipal public administration. To obtain the data, we applied cognitive tools to extract the narratives of the pioneers, local residents, participants and merchants involved with the event. The study is important for demonstrating to the population porangatuense facts of its cultural history, starting from the memory of the pioneers regarding the origin of the celebration, as well as for pointing out the main transformations and their reflections in the present time. The theorists who contributed to this research were: Morigi (2005), Hall (2014), Gomes and Sousa (2012), Castro (2012) and Lima (1997).

**Keywords:** Feast of the arraiá do descoberto. Cultural manifestation. Cultural identity.

---

### Referencias

BUENO, Marielys Siqueira. **Lazer, festa e festejar**. Cultur, ano 02 - n. 02, p. 48-59, jul/2008.

CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. **Inter Relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio Imaterial e Turismo**. Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo, v. 7 n. 10, abr-mai-jun /2010. P. 99-113.

CASTRO, JRB. As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, p. 113-126.

CATENACCI, Vivian. **Cultura Popular: entra a tradição e a transformação**. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, 15(2), p. 28-35, 2001.

DOMINGUES, Petrônio. **Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica**. História (São Paulo) v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez, 2011.

GOMES, Jaciara do Prado Silva; SOUZA, Maria Aparecida. **Arraiá do Descoberto da Piedade: História e Memória**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Estadual de Goiás, 2012.

GOMES, Maryvone Moura. **Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários: O caso do São João do Maracanaú**. Geo Textos, vol. 7, n. 2, dez. 2011. M. Gomes. 99-120.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: ciência do homem**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LIMA, Claudia. **Ciclo Junino**: Festa de São João. Revista Junina. Edição especial. Recife: Editora Raízes Brasileiras, junho, 1997, p. 1-5.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. **Festas populares hoje**: muito além da tradição. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001, p. 1-12.

MORIGI, Valdir José. **Mídia, Identidade Cultural Nordestina**: Festa Junina como expressão. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n.12, p.1-13, janeiro/junho 2005.

MORIGI, Valdir José; ROCHA, Carla Pires Vieira; SEMENSATTO, Simone, **Memória, representações e Cultura Imaterial**. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 09, número 14, p. 182-191, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Tradição. In: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 405.

---

#### SOBRE OS AUTORES

**Max Lanio Martins Pina** – Mestre em História e docente da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Porangatu.

**Gleiciene Ferreira Magalhães Borges** – Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Porangatu.

**Maria da Piedade Sousa Lisboa Oliveira** – Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Porangatu.

---

Recebido para publicação em fevereiro de 2017

Aceito para publicação em junho de 2017